

**ÉTICA, EDUCAÇÃO E AMIZADE: PERPASSANDO AS RELAÇÕES ENTRE
PROFESSORES E ALUNOS**

Sandra Regina Mantovani Leite, Alonso Bezerra De Carvalho

Eixo 1 - Formação inicial de professores para a educação básica
- Relato de Pesquisa - Apresentação Oral

Esta pesquisa tem como objetivo principal demonstrar e analisar a relevância do tripé: Ética, Educação e Amizade como elementos fundamentais para a emancipação humana, ou seja, problematizar a relação entre ética, amizade e educação e o fazer pedagógico do professor no contexto da educação básica, de modo que o mesmo possa possibilitar aos alunos uma educação emancipadora em que o relacionamento humano seja prioritário. De um modo geral essa discussão têm sido uma constante no campo educacional, haja vista que há um grande descontentamento da sociedade em relação à função social que a escola representa. O que se coloca como original do ponto de vista acadêmico é a investigação sobre a condição social dos professores e alunos, analisando na organização do trabalho do professor da infância a valorização da ética e da amizade, sobretudo no que diz respeito às interações estabelecidas no interior da escola. Como metodologia optou-se pela Pesquisa Bibliográfica e pelo Estudo de Caso Etnográfico, por recorrer a um entrecruzamento da perspectiva de autores contemporâneos, como: Arendt, Vazquez, Boto, Carvalho, Chauí, partindo de pensadores clássicos como Aristóteles, sendo que do ponto de vista prático, realizar-se-á observação do ambiente escolar. Como contribuição esta pesquisa pretenderá apontar as interfaces que são valorizadas na organização do trabalho pedagógico e no relacionamento entre professor e aluno, aluno e aluno, escola e família, a partir do olhar da própria escola e do fazer pedagógico que nela se (re)produz. Palavras-chave: Educação – Ética - Amizade

ÉTICA, EDUCAÇÃO E AMIZADE: PERPASSANDO AS RELAÇÕES ENTRE PROFESSORES E ALUNOS.

Sandra Regina Mantovani Leite. UEL e UNESP; Alonso Bezerra de Carvalho.
UNESP.

Introdução

O presente estudo é o início de uma pesquisa de doutoramento, que partiu da necessidade em dar continuidade aos estudos dos Grupos de Pesquisa do qual faço parte como pesquisadora cadastrada no CNPQ – GEPEI – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Infância – na UEL, GEPEES – Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Ética e Sociedade – UNESP, como também das discussões realizadas na disciplina Ética e Educação no curso de Doutorado em Educação, na UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, em Marília.

Na realidade da escola atualmente observam-se relações e conflitos entre o discurso na formação do futuro professor e a prática pedagógica dos professores que atuam nas escolas. De um modo geral essa discussão têm sido uma constante no campo educacional, haja vista que há um grande descontentamento da sociedade em relação à função social que a escola representa.

O que se coloca como original do ponto de vista acadêmico é a investigação sobre a condição social dos professores e alunos, analisando na organização do trabalho do professor da infância a valorização da ética e da amizade, sobretudo no que diz respeito às interações estabelecidas no interior da escola.

Como metodologia optou-se pela Pesquisa Bibliográfica e pelo Estudo de Caso Etnográfico, por recorrer a um entrecruzamento da perspectiva de autores contemporâneos, como: Arendt, Vazquez, Boto, Carvalho, Chauí, partindo de pensadores clássicos como Aristóteles, sendo que do ponto de vista prático, realizar-se-á observação do ambiente escolar.

A observação do ambiente escolar a ser realizada em uma Escola Municipal em Londrina - Paraná terá como objetivo analisar em que medida a Organização do Trabalho Pedagógico prioriza a dimensão Ética e a formação humana, enfatizando a

amizade como uma das formas de possibilitar um melhor relacionamento entre os envolvidos no processo educativo.

Esta observação em campo auxiliará no levantamento de dados sobre o que é realmente valorizado na sala de aula: dimensão epistemológica – raciocínio/conhecimento ou dimensão ética/amizade e relacionamento professor e aluno – valores - emoções e integração entre os pares, além de possibilitar a visualização de como a escola busca a integração entre as duas dimensões possibilitando uma educação emancipadora.

Discutindo o tema e perpassando as relações

No processo de formação, nos cursos de formação de professores, vislumbramos como necessárias às dimensões: epistemológica, ética, política, estética, psicológica, embora na prática deste profissional, percebemos que a cobrança por um ensino de qualidade acaba por valorizar apenas a dimensão epistemológica. Existe assim uma hipertrofia desta em relação às outras, fazendo com que o processo de formação da criança não alcance o desenvolvimento integral tão esperado pela escola.

Nesse sentido entendeu-se como questão norteadora para este estudo a seguinte: **Como o professor da infância pode trabalhar com a dimensão ética e a valorização da amizade na organização do trabalho pedagógico em sala de aula?** Essa questão norteadora, conseqüentemente introduz outras questões: Existe relação entre a dimensão epistemológica, tão valorizada na escola, e a dimensão ética na prática dos professores e no relacionamento destes com as crianças na sala de aula? Entendendo a importância da dimensão ética para a formação de cidadãos na instituição escolar, como o professor trabalha esta dimensão com seus alunos? Em que medida a dimensão epistemológica hipertrofia as outras dimensões importantes no processo formativo integral da criança?

Diante de um contexto pedagógico marcado pelas concepções presentes na contemporaneidade que se pautam pela condição de *infante* – àquele que não tem voz e pelo desenvolvimento científico que privilegia o *fazer* em detrimento do *pensar*, quais as ações poderiam auxiliar para que o professor repense sua prática pedagógica, trabalhando para que a formação humana se torne o aspecto essencial?

Seguindo com as questões que norteiam esta pesquisa, há que se ressaltar que a instituição escolar precisa levar em consideração o relacionamento entre as pessoas, que são estabelecidas no cotidiano da sala de aula, assim sendo como se

constroem as relações de amizade entre professor - aluno e entre aluno – aluno? Como o professor entendendo a importância do seu papel como mestre, numa visão aristotélica, trabalha e vivencia a amizade com seus alunos?

Daí a magia da ação educativa quando assumimos a confluência proposta por Aristóteles dessa imitação/representação do bom, do belo e do bem – tríade necessária para pensar a formação da virtude ao educar. Trata-se de bons hábitos; no justo meio; pela prudência do discernimento; alicerçados pela equidade das práticas; e criações de rotinas e de rituais coletivos, públicos e dirigidos ao bem comum; e, portanto, à felicidade – como se fosse por amizade [...] (BOTO, 2002, p. 11)

Assim, esta pesquisa tem como intuito compreender e aprofundar a reflexão sobre a dimensão Ética na atuação do professor da infância, ressaltando a importância da ética e da amizade no desenvolvimento de uma prática pedagógica emancipadora, haja vista ser na ação do professor e nas suas interações com os alunos que a emancipação e formação do homem será alcançada com maior êxito.

Buscando esclarecer melhor sobre a temática a ser trabalhada conceituaremos educação e ética, seguindo a perspectiva dos autores apresentados no início. A educação, segundo Massi e Giacóia Junior (1998), é entendida como um processo essencialmente humano. É o esforço histórico de autoconstituição da humanidade, a educação é a obra da práxis humana, somente pela educação é que o homem se torna homem. É importante ressaltar que “a educação envolve uma finalidade que implica uma necessária referência axiológica, uma relação ao mundo dos valores... Esta referência constitui a dimensão ética do processo educativo.” (MASSI & GIACÓIA Jr, 1998, p. 353) Nesse sentido, é preciso que a humanidade sempre busque caminhar um passo adiante, se tornando melhor, em direção a uma perfeição, a um ideal.

Chauí (1994, p.340) esclarece que o termo ética advém do sentido grego “*éthos*”- *caráter, índole natural, temperamento*. “A ação ética ancora-se, pois, na intencionalidade da ação, na relação da consciência para consigo mesma, na integridade do ser humano frente aos seus semelhantes.” O sujeito moral é aquele capaz de decidir, de escolher, capaz de distinguir entre o bem e o mal, sendo que a inter-relação entre o tema ética e a matéria educativa está justamente entre a autonomia da vontade e a possível formação pedagógica que habilita o professor. (BOTO, 2001) “Do ponto de vista ético, a ação humana precisa orientar-se por um conjunto de valores, qualificado de virtudes, as quais descrevem, possibilitam e realizam a finalidade humana.” (RAMOS, 2011, p. 29)

Relacionando a ética e a educação pode-se ressaltar que é necessário que a instituição busque um educar para o viver bem, proporcionando vivências prazerosas e contextualizadas, que são também necessárias na aquisição dos conhecimentos básicos. O ser humano precisa ser visto como pessoa, como sujeito moral. “Pessoa é sujeito moral, investido de um valor absoluto [...] Esse valor é o que impede que uma pessoa possa ser tratada apenas como meio ou instrumento...” (MASSI & GIACÓIA Jr, 1998, p.356). Assim, a partir destes autores, seguindo um conceito Kantiano de educação, ressalta-se que a moralidade é o coroamento do processo educativo; e a ela cabe a elevação do homem à condição de justo e virtuoso no convívio com os outros homens.

Para Aristóteles (1987) a virtude seria uma disposição de espírito que desabrocha pela força do hábito, nesse sentido, percebe-se a dimensão pedagógica da ética, pois remeter-se ao hábito requer valorizar a formação.

Pelos atos que praticamos com os outros homens nos tornamos justos ou injustos; pelo que fazemos na presença do perigo e pelo hábito do medo ou da ousadia, nos tornamos valentes ou covardes. O mesmo se pode dizer dos apetites das emoções e da ira: uns se tornam temperantes e calmos, outros intemperantes e irascíveis, portando-se de um modo ou de outro em igualdade de circunstâncias. Numa palavra: as diferenças de caráter nascem de atividades semelhantes. É preciso, pois, atentar para a qualidade dos atos que praticamos. (ARISTÓTELES, 1987, p. 27-28)

É na relação social, na relação com os outros que a ética se desenvolve, não se forma o ser ético apenas pelo conhecimento. A ética fala ao espírito e a alma, só pode ser reconhecida quando praticada, então para se tornar bom, é preciso praticar atos bons. Todo agir coletivo revela-se propício cenário para a prática da ética cotidiana, e assim, percebe-se a relevância apontada por Aristóteles para a Amizade. “Amizade como escolha do outro, como reconhecimento do outro no outro e como encontro de si mesmo nesse reconhecimento do outro. Amizade como partilha e como projeto.” (BOTO 2001, p.128)

A palavra grega *philia* apresenta um sentido mais amplo do que temos na modernidade com o coleguismo. Integra-se a qualquer relação de sociabilidade entre seres humanos que tem afeição uns pelos outros e são conscientes desse sentimento. Ela inclui todas as formas de atração que um ser humano pode ter em relação ao outro, como exemplo o amor dos pais pelos filhos, do marido pela esposa, do amigo em relação ao semelhante, se resume em querer para o alguém aquilo que é bom para o outro, sendo feitas por causa desse outro. (RAMOS, 2011)

A amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos. Ora os que desejam bem aos seus amigos por eles mesmos são os mais verdadeiramente amigos, porque o fazem em razão da sua própria natureza e não acidentalmente. (ARISTÓTELES, 1987, p. 381)

A amizade ganha em Aristóteles um estatuto bastante elevado para a produção de escolhas acertadas, o seu exercício estrutura o próprio ideal de autonomia. Como diria Ramos “a amizade é, pois, uma condição essencial para a realização da felicidade. Sem ela o homem carece de algo que é necessário para a sua realização na convivência humana” (2011, p.43).

Segundo Ramos, o caráter de reciprocidade entre iguais torna a amizade uma virtude ética-política que vincula relações de solidariedade no âmbito da comunidade. Nesse sentido, entendendo a importância da educação escolar na vida das pessoas, principalmente na vida das novas gerações, ressaltamos o quanto a dimensão ética e a valorização do sentimento de amizade na prática pedagógica, poderá possibilitar o desenvolvimento integral do ser humano e das relações sociais que fazem parte do processo educativo.

A instituição escolar é um instrumento importante de participação e disseminação cultural. O trabalho educativo que acontece por meio da escola precisa possibilitar aos que a frequentam a oportunidade de formarem-se, tornando-se homens e que tenham diante de si formas para realizar sua própria individualidade de maneira produtiva para eles e para a coletividade. Citando Carvalho (2010) para que o mundo e a vida não deixem de ser apenas uma possibilidade abstrata, é necessário que enfrentemos o mundo burocrático, que estabelece um cenário racional, essa deve ser a responsabilidade da ação educativa.

É sabido que atualmente a proletarização do trabalho docente na contemporaneidade, resultado do desenvolvimento tecnológico e científico, tem possibilitado uma educação e o desenvolvimento da criança de maneira desvinculada dos fatores importantes à integralidade do humano como: o aspecto físico, emocional, afetivo, intelectual dentre outros, sem os quais a emancipação humana da pessoa não acontece.

Nesse sentido, a função do professor se resume ao “explicador” de saberes. A atividade docente transformou-se em mera técnica ou aplicação de conhecimentos produzidos pelas ciências da educação, atendendo à necessidade social de aumento

da eficiência, a demanda da qualificação profissional e aos padrões de consumo. Mera atividade repetidora, incapaz de traduzir-se em experiências narráveis, o professor prioriza a dimensão epistemológica em detrimento das demais dimensões da prática pedagógica.

Em tal instrumentalismo da razão, sequer a prática do pensar que incide sobre os modos de existência do educador e a sua subjetividade é considerada necessária. Ao ser minimizada nessa atividade e nos saberes e práticas com os quais esse sujeito opera, é incorporada como uma espécie de mecanismo que, mesmo para o educador, parece destituído de sentido. Por sua vez, os destinatários dessa atividade também parecem ser privados dessa prática do pensar e das interpelações sobre os sentidos de sua existência que, no limite, somente são exercitados no tempo e no espaço fora do domínio institucional da escola: ao menos, quando aí também não estão subordinados a outros mecanismos sociais, que ampliam ao extremo essa interdição do pensar e do problematizar a existência. (PAGNI; GELAMO, 2007, p.23)

Assim, pode-se afirmar que o fator propulsor da atividade pedagógica é o pensamento reflexivo e criativo, mas o professor envolvido pelo deslumbramento tecnológico se deixa levar pela degeneração do pensamento reflexivo, ameaçando o conteúdo ético do processo formativo.

O fazer pedagógico e a própria formação docente se esvazia da possibilidade de experimentar novas formas de desenvolvimento intelectual para ele e consequentemente para o aluno, de ver o outro como participante da relação humana que ocorre na ação pedagógica e privilegia em contrapartida um saber técnico, que prioriza a razão, em detrimento do saber filosófico e criativo do pensamento, da reflexão crítica sobre a educação voltada para emancipação humana.

A formação vai dissolvendo-se como experiência formativa silenciada e esvaziada de conteúdos que se esgotam na própria relação formal com o conhecimento, impedindo que forneçam ao professor e aos educandos formas para refletir sobre os problemas que enfrentam e para encontrar meios de solucionar os mesmos.

Um dos estudiosos que tem subsidiado os estudos acerca da influência dos atos mecânicos do homem é Adorno, o qual com suas investigações evidencia a importância de libertar o professor do processo de reprodução, em busca da emancipação na educação e na formação do mesmo.

Se a “democracia repousa na formação da vontade de cada um em particular [...] para evitar um resultado irracional é preciso pressupor a aptidão e a coragem de cada um em servir de seu próprio entendimento.” (ADORNO, 2003, p. 169) Faz-se necessário, que a formação docente privilegie a coragem de enfrentar as situações adversas que a própria prática introduz, privilegiando um ensino que potencialize as várias dimensões da prática docente.

Nesse sentido, o ambiente escolar, espaço essencial onde se objetiva a apropriação do saber elaborado, intencional tanto para os professores como para as crianças é desprovido de importância, sobretudo no relacionamento entre o ser professor e o ser aluno, não garantindo a compreensão para os envolvidos de se entenderem como pessoas que se conduzem diante de seus semelhantes.

A falta de valorização do outro, do reconhecimento do outro e de se ver no outro, faz com que aquilo que se vive no espaço pedagógico não tenha nada a ver com um ou outro. Percebe-se que no ambiente da escola, ao final do dia letivo, tanto professores como alunos saem da instituição escolar, mudos, sem ter o que dizer, pois foram expropriados da sua própria vontade por meio de dispositivos que encarceram e hierarquizam o fazer docente e separam os dois sujeitos que fazem parte do mesmo espaço – a sala de aula.

Dessa forma, a escola como instituição social acredita manter aprisionada intramuros a infância, fenômeno denominado tanto na literatura especializada quanto na imprensa falada e escrita por uma espécie de *confinamento da infância*, no seu sentido de encurtamento, privação, limite, enclausuramento e encerramento. (PINTO, 2007, p.91) As crianças são confinadas em instituições educativas que se pautam em modelos burocráticos, hierárquicos e marcados por relações de poder autoritárias, e assim perdem espaços importantes de sociabilidade, relacionamento com o outro, desenvolvimento de valores e produção de cultura.

O confinamento da infância em instituições especializadas impõe um triste problema para as crianças e para seus professores,

A infância está institucionalizada e assim não há criatividade que resista. (...) Das 7 da manhã ao meio dia as crianças ficam na escola. Depois do almoço vão para um projeto social ou para atividades extracurriculares. Essas instituições ainda seguem um modelo transmissivo de educação. Não há mais espaço para sonhos e fantasias. A criança tem de estar produzindo o tempo todo, para entrar no mercado de trabalho o quanto antes e consumir mais. É uma tristeza, encurtaram a infância. (PERROTTI, 1990, apud COSTA, 2002, p. 46).

Considerando que este confinamento da infância vem se dando principalmente em instituições especializadas, particularmente em instituições educativas, faz-se necessário entender tal processo como uma construção histórica, resultado de relações que foram se estabelecendo no interior da sociedade capitalista e, portanto passíveis de mudança.

Os professores e a instituição escolar precisam colocar-se na contramão desse processo de confinamento e se empenhar em reconhecer a importância da dimensão ética e do relacionamento solidário e alicerçado na amizade na construção do ser humano.

Subvertendo a ordem estabelecida, impulsionada pela paixão e pelo desejo, a criança está sempre pronta para mostrar outra possibilidade de apreensão das coisas do mundo e da vida, mas é mister que os adultos mais experientes que são responsáveis pela educação da criança, tenham uma elevação no seu nível de desenvolvimento intelectual e proponham formas de relacionamento a caminho da felicidade e do prazer. Utilizando o espaço da sala de aula em favor da solidariedade e do sentimento de afeição, da simpatia, da estima e da ternura entre as pessoas.

O professor como agente de mudanças e promotor do saber precisa utilizar de sua atividade docente com a função de afetar, de sensibilizar os envolvidos e que estejam dispostos a dar-lhe significado. O significado se efetiva à medida que as pessoas se relacionam, se conhecem e se respeitam, seja pela palavra, seja pela linguagem, por um gesto ou simplesmente por estarem dispostas a buscar a compreensão acerca de si ou do mundo.

Diante do exposto avalia-se a importância de se desenvolver esta pesquisa em relação ao objeto proposto, especialmente, porque se compreende que o trabalho com a dimensão ética e com a amizade como prática poderá possibilitar à instituição escolar, como também a todos os envolvidos no processo educativo, uma educação que contemple o outro, em que professor e aluno sejam afetados pela reflexão de seus limites, de suas possibilidades, de uma interação de amizade alicerçada nas várias dimensões da prática docente que priorize as relações humanas e que favoreça a emancipação.

Este estudo vislumbra chegar a novos desafios para o campo educativo e para a prática educativa, apontando os limites e as possibilidades para a instituição escolar assumir sua função social como espaço de produção do novo, do resistente ao que já

está instituído, de valorização da pessoa e das emoções, buscando com isso possibilitar o desenvolvimento integral da criança na instituição escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

ARISTÓTELES. “Ética a Nicômaco”. *Coleção os Pensadores*. Vol. II. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

BOTO, Carlota. Ética e educação clássica: virtude e felicidade no justo meio. In: *Educação & Sociedade*, ano XXII, nº76, outubro/2001.

_____. A Ética de Aristóteles e a Educação. Palestra apresentada na *I Semana de Estudos Clássicos e Educação*. 22 a 26 de abril de 2002, FEUSP

CARVALHO, Alonso Bezerra de. Desencantamento do mundo e ética na ação pedagógica: reflexões a partir de Max Weber. *Educação e Pesquisa*, vol.36, n.2, maio-agosto, 2010, PP.585-597. USP – São Paulo.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1994.

COSTA, C. Entre quatro paredes. *Educação*, São Paulo, ano 28, n.250, p.45-53, 02 – 2002.

MASSI, Cosme Damião Bastos; GIACÓIA Jr, Oswaldo. Ética e Educação. In: SERBINO, Raquel Volpato (Et. al.) *Formação de Professores*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

PAGNI, Pedro A; GELAMO, Rodrigo Pelloso (orgs). *Experiência, Educação e Contemporaneidade*. Marília, SP. Poiesis Editora, 2007.

PINTO, Maria Raquel Barreto. Tempo e Espaços Escolares: o (des)confinamento da infância. In: QUINTEIRO, Jucirema; CARVALHO, Diana Carvalho de. *Participar, brincar e aprender: exercitando os direitos da criança na escola*. (orgs). Araraquara, SP: Junqueira&Marin: Brasília, DF: CAPES, 2007.

RAMOS, César Augusto. Ética e Política em Aristóteles. In: CANDIOTTO, Cesar. *Ética: abordagens e perspectivas*. 2ª ed. Curitiba, Editora Champagnat, 2011, p.29-49.